

Evento: XXI Jornada de Extensão  
ODS: 4 - Educação de qualidade

## **EXPERIÊNCIAS COM DEFICIENTES VISUAIS NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA<sup>1</sup>**

### **EXPERIENCES WITH VISUALLY DISABLED PEOPLE IN PHYSICAL EDUCATION COURSE**

**Aline Ribeiro dos Santos<sup>2</sup>, Clecio Antonio Szinvelski<sup>3</sup>, Isis Amaral Thums<sup>4</sup>, Marcelo Ordesto  
Rodrigues<sup>5</sup>, Fabiana Ritter Antunes<sup>6</sup>**

<sup>1</sup> Texto escrito no Componente Curricular do Curso de Educação Física da Unijui

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Educação Física da Unijui aline.santos18@outlook.com

<sup>3</sup> Acadêmico do Curso de Educação Física da Unijui clecio.szinvelski@sou.unijui.edu.br

<sup>4</sup> Graduada em Educação Física pela Unijui (Licenciatura e Bacharelado), Pós-graduada em Fisiologia do Exercício pelo Centro Universitário Internacional ? Uninter isis\_thums\_@hotmail.com

<sup>5</sup> Graduado em Educação Física pela Unijui (Licenciatura e Bacharelado). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas pela UFFS ? Campus Cerro Largo marceloordestorodrigues@gmail.com

<sup>6</sup> Docente do Curso de Educação Física da Unijui fabiana.antunes@unijui.edu.br

### **INTRODUÇÃO**

A Educação Física enquanto área que tematiza práticas corporais vinculadas à cultura corporal de movimento tem ampliado seus campos de atuação e de produção científica. Estudos feitos na área da deficiência visual apontam a importância da instituição educadora e dos educadores, na influência da formação da identidade destes sujeitos, sua percepção de si e interação com o mundo. Além disso, atuam enquanto agente facilitador, de quebrar barreiras e paradigmas para que o deficiente consiga se comunicar e interagir com mais facilidade e menos preconceito no seu cotidiano (CAMPOS, 2008).

Neste contexto, a Educação Física e os educadores têm o desafio de propor metodologias de ensino capazes de atender as necessidades dos sujeitos através de um ambiente lúdico e dinâmico. Pontualmente, o processo de inclusão dos deficientes visuais nas aulas de Educação Física escolar vem encontrando desafios significativos, no sentido de fazer com que os sujeitos se sintam pertencentes a um ambiente menos excludente e mais acolhedor. Este tipo de abordagem é fundamental para uma inserção qualitativa nas aulas e no combate as diferenças e preconceitos que se acentuam e excluem estes sujeitos nos espaços educacionais.

Costa (2010), em sua investigação, identificou que o processo de inclusão nas aulas deste componente curricular encontra dificuldades para se efetivar. Dentre os fatores apontados pelo autor está a formação inicial que não proporcionou condições para que os profissionais pudessem ter contato com essa temática. Além disso, de acordo com o autor mencionado, nas observações realizadas junto aos estudantes deficientes visuais, foi evidenciado que estes sujeitos estão insatisfeitos com o tratamento dispensado pelos docentes, no sentido de participação das atividades físicas esportivas e de lazer planejadas e efetuadas nas escolas pelos profissionais que ministram essa disciplina.

Frente a este contexto apresentado, é indispensável que os cursos de formação inicial em Educação Física dediquem atenção a estas vivências. Propondo componentes que desenvolvam vivências teóricas e práticas sobre o tema, possibilitando intervenções críticas sobre o processo de ensino e

**Evento:** XXI Jornada de Extensão

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

aprendizagem na sua dimensão conceitual, procedimental e atitudinal. Diante disso, o objetivo deste estudo é descrever as percepções dos acadêmicos de Educação Física a partir da construção de um planejamento visando a intervenção com deficientes visuais.

Palavras-chave: Inclusão; Deficiência Visual; Educação Física

Keywords: Inclusion; Visual Impairment; Physical Education

## METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada através de uma intervenção planejada na disciplina de Bases da Motricidade Humana do Curso de Educação Física da Unijuí, no segundo semestre de 2018, com deficientes visuais da Associação dos Deficientes Visuais de Cruz Alta - ADEVICA.

Participaram deste processo 33 acadêmicos - 11 do sexo feminino e 22 do sexo masculino – que, à época, possuíam idades entre 17 e 32 anos. A intervenção realizada pelos acadêmicos teve como objetivo desenvolver atividades ligadas a experiência motora, prática do desenvolvimento motor e controle motor, assuntos esses que são discutidos na disciplina de Bases da Motricidade Humana. Após a intervenção, os acadêmicos responderam um questionário aberto, composto pela docente da disciplina, com três questões. Estas questões tinham como objetivo o relato das experiências e emoções vivenciadas através da intervenção com os deficientes visuais.

Nesse sentido, a fim de potencializar, problematizar e dar significado aos relatos obtidos através das respostas dos acadêmicos, apresentamos de forma descritiva interpretativa os resultados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta investigação foram organizados através de duas categorias de análise: 1) Dificuldades no planejamento das atividades; 2) Aprendizagens e Contribuições a partir da Intervenção.

Ao analisarmos os dados referentes à primeira categoria, identificamos que as principais dificuldades encontradas pelos acadêmicos estão relacionadas à falta de experiências e conhecimentos vinculados a vivências com estes sujeitos. Conforme consta nos trechos seguintes: “a maior dificuldade no planejamento foi a falta de experiência com deficientes visuais, não tinha muita noção se a atividade era adequada e se eles conseguiriam fazer. E na execução foi explicar, a gente está acostumado a mostrar, que falar /explicar. Foi um desafio” (SUJEITO 1, 2018).

Na mesma linha, outro fator elencado pelos acadêmicos refere-se ao planejamento das atividades: “[...] tivemos algumas dificuldades no sentido do grau de dificuldade das atividades. Ao criar as atividades, depois de umas três vezes, percebemos que as atividades eram muito fáceis para os deficientes visuais. Porém, como nunca havíamos tido a experiência de vivenciar propostas como essas com os cegos, descobrimos que eles eram mais habilidosos do que achávamos quando a professora nos relatou” (SUJEITO 20, 2018).

Além disso, é possível reconhecer que existe uma enorme escassez de bibliografias relacionadas às práticas tanto de atividades físicas e esportivas para pessoas com deficiência visual, assim como um

**Evento:** XXI Jornada de Extensão

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

interesse reduzido de profissionais da área de Educação Física, seja por falta de interesse ou até por falta de conhecimento (ALMEIDA, 1995), o que mostra a importância da abordagem deste assunto no dia a dia dos professores como também na própria formação inicial.

Ao analisar a segunda categoria, no planejamento realizado pelos sujeitos do estudo, as atividades foram pensadas com o intuito de potencializar e aprimorar as capacidades e habilidades intelectuais, cognitivas, e motoras dos deficientes visuais. Assim, observamos relatos como “[...] perceber que não estamos preparados para atender deficientes e que devemos correr atrás desse conhecimento. Experiência e noção de atividades, sem dúvida o leque de atividades que poderia propor são muito diversificadas. Principalmente, perceber que eles conseguem executar as atividades” (SUJEITO 1, 2018); “[...] aprendi que apesar da deficiência eles sabem se divertir, que em algumas atividades têm uma facilidade maior que a nossa” (SUJEITO 5, 2018). Estes dados vão ao encontro da discussão preconizada por Daltro (2004), quando afirma que é necessário a compreensão de que, para além do apenas executar alguma atividade física ou cognitiva, o momento, deve ser prazeroso para o desenvolvimento humano e psicológico.

No relato dos acadêmicos de uma forma indireta, evidencia-se também que muitos demonstraram preocupações relacionadas a forma de trabalhar com deficientes visuais, no sentido de entendê-los enquanto indivíduos limitados. Isto vai ao encontro do que Campos (2008, p. 7) denomina de visões fatalistas, que segundo ele,

[...] as visões fatalistas são predominantemente baseadas em concepções naturalistas, associando à deficiência a ideia de anormalidade, incapacidade e déficit. A forma fatalista de enxergar o outro como um sujeito de falta também ratifica o preconceito da deficiência como uma das barreiras que dificulta o processo de inclusão.

Entretanto, tais visões não se dão pelo fato de serem discriminatórias por parte dos acadêmicos, mas pelo fato de que infelizmente a prática realizada é incomum ao cotidiano dos estudantes, o que conduz a incertezas, dúvidas e tensões relacionadas a como desenvolver as atividades com os indivíduos que possuem deficiência visual. Isto pode ser evidenciado no relato de um acadêmico participante “[...] no momento da execução, a dificuldade de que encontrei foi na parte da comunicação para passar as instruções das atividades” (SUJEITO 13, 2018). Outro acadêmico destaca que “[...] na questão do planejamento temos que cuidar quais atividades escolher, pois não é qualquer uma, temos que adequar as atividades de acordo com as deficiências dos alunos” (SUJEITO 10, 2018). Neste sentido, Daltro (2004) aponta que a realização de alguma atividade física com pessoas que possuem deficiência visual requer alguns cuidados, independente da faixa etária em que o indivíduo se encontra.

Em contrapartida, vivenciar as atividades junto aos deficientes visuais oportunizou a mudança de pensamento dos mesmos uma vez que, para muitos, esse foi o primeiro contato ensinando e auxiliando pessoas cegas em atividades físicas. Assim, obtemos relatos como “o contato direto com os deficientes serviu principalmente para quebrar tabus, estreitar as relações e amenizar o medo de cometer erros com os cegos. Após esse contato me sinto mais à vontade para futuras experiências, levarei os conhecimentos adquiridos para a vida não somente na formação acadêmica” (SUJEITO 18, 2018). Sendo assim, como destaca Otalara (2014, p. 41) “é possível perceber a necessidade quanto à formação de professores, seja inicial ou continuada, para lidar com as venturas e desventuras da inclusão das pessoas com deficiência”, evidenciando que a intervenção possibilitou ampliar o

**Evento:** XXI Jornada de Extensão

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

conhecimento de como é trabalhar com deficientes visuais.

Nesse sentido, as vivências além de terem contribuído com a questão da inclusão de pessoas com deficiências visuais à prática de atividades físicas, contribuiu para a experiência pessoal de cada um dos acadêmicos envolvidos, evidenciando isso na frase de um dos sujeitos “são oportunidades como estas que precisamos aproveitar e participar intensamente desde o início na elaboração das atividades já pensando em proporcionar um encontro maravilhoso e transformador para as vidas de ambos. O sentimento é de gratidão por ter vivenciado pelo menos algumas horas bem aproveitadas com eles, nós com certeza aprendemos muito mais do que imaginávamos aprender. Agradeço mesmo à professora que se dedicou e contribuiu para a nossa formação de forma qualitativa, trazendo e buscando novas possibilidades de aprendizagem na prática. Foi uma atividade que levarei de lição para toda vida” (SUJEITO 20, 2018). Portanto, mostrou-se a ambos os sujeitos presentes o quanto uma proposta simples como essa potencializa inúmeras emoções e aprendizagens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados identificados através deste estudo apontam, inicialmente, alguns conceitos equivocados e preestabelecidos, enraizados no imaginário destes acadêmicos, como também uma insegurança em desenvolver planejamentos à luz da inclusão. Este fator, muitas vezes, impede a inserção, provoca a exclusão e a discriminação de pessoas com deficiência na prática de atividades físicas, esportes e demais práticas corporais.

Outro elemento evidenciado através deste estudo se refere à importância de promover ações como estas durante a formação inicial, já que os acadêmicos relatam que esta experiência permitiu (res)significar entendimentos e viabilizar intervenções futuras.

Deste modo, é fundamental que os cursos de formação inicial em Educação Física promovam ações que possibilitem os seus acadêmicos vivenciarem experiências no contexto da inclusão. Nesta linha, intervenções como esta enriquecem o processo de formação inicial e deveriam ser comuns e realizadas com frequência. Além disso, ao promover a autonomia, através das práticas esportivas, e a inclusão social de sujeitos com deficiências, é proporcionado maiores possibilidades de potencial funcional e melhora da qualidade de vida destes sujeitos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. J. G. Estratégias para a aprendizagem esportiva: Uma abordagem Pedagógica da Atividade Motora para Cegos e Deficientes Visuais. Campinas 1995.

DALTRO, A. C. B. V. Benefícios da Atividade Física para pessoas com deficiência visual: Contribuições a partir da Teoria de Erik Erikson. Campinas, São Paulo, 2004.

CAMPOS, P. M. X. Deficiência e Preconceito: A Visão do Deficiente. Brasília - DF, 2008.

COSTA, V. B. Inclusão Escolar na Educação Física: reflexões acerca da formação docente. Motriz: Revista de Educação Física (Online), v. 16, p. 889-899, 2010.

OTALARA, A. P. A Formação de Professores para o trabalho com deficientes visuais: uma

**Evento:** XXI Jornada de Extensão

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

experiência inicial de colaboração a partir do desenvolvimento de materiais didáticos. Araraquara, SP, 2014.

**Parecer CEUA:** 4338191018

**Parecer CEUA:** 2.778.262